

JOVENS DO ENSINO MÉDIO EM BUSCA DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: UMA PROPOSTA COM GRUPOS FOCAIS

Lígia Ulir Hirt, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade do Vale do Itajaí/SC, ligia_hircon@hotmail.com

Tânia Regina Raitz, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade do Vale do Itajaí/SC, floraitz@yahoo.com.br

Introdução

Na atualidade, existe uma gama crescente de cursos universitários, além dos cursos técnicos e tecnólogos, o que leva muitos jovens a fazerem escolhas profissionais baseadas nos cursos que estão em maior evidência, sem considerar aspectos decisivos como o mercado de trabalho ou aptidões pessoais. Outro fator que merece atenção são as influências exercidas pela família, grupo ou sociedade, o que gera ansiedade na escolha profissional.

Acompanhar as oscilações do mercado de trabalho é vital a todos que desejam escolher uma profissão. Segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2009), o desemprego aumentou 1,3% no início de 2009 e o produto interno bruto – PIB, baixou 3,6% neste último trimestre, o que é um reflexo da atual crise mundial. Estes dados demonstram que o Brasil, embora seja um país em franco desenvolvimento, não é imune a crise ora instalada. Este fato vai refletir diretamente naqueles que buscam inserir-se no mercado de trabalho. Neste sentido, um serviço de orientação profissional deve promover, entre outros, a reflexão das condições do mercado de trabalho e das aptidões, gostos e desejos profissionais de forma preventiva, evitando assim, escolhas impetuosas.

Neste contexto, analisar a situação de trabalho e as expectativas dos jovens em relação ao processo de escolha profissional passa a ser um objeto de estudo importante na atualidade, uma vez que a escolha de uma profissão requer uma tomada de decisão que envolve todo um projeto de vida. Neste processo, o jovem é influenciado por diversos fatores, entre eles: a família, a economia, o mercado de trabalho, aptidões pessoais, gostos, cultura, condições sócio-econômicas da família, etc. Alunos de escolas públicas ou privadas, sem distinção, se deparam com o momento de definir sua profissão, embora a escolha faça parte de um processo que não ocorre instantaneamente, pode constituir-se em um dilema na vida de muitos jovens, que geralmente passam por isto sem assistência, pela falta de oportunidade em contar com um serviço permanente de orientação profissional.

Muitos outros jovens passam por este momento sem maiores dificuldades, mesmo porque, muitas vezes, não têm opção e são obrigados a se lançarem no mercado de trabalho para sobreviver, já outros por razões variadas precisam de maior atenção. Isto, sem mencionar os que entram para as Universidades e desistem logo após os primeiros períodos, pela falta de certeza de terem optado pela profissão que mais lhes traga benefícios, ou até mesmo, por não gostarem do curso que escolheram, por falta de informação profissional ou de refletir um pouco mais. A hipótese que norteia este trabalho é que grupos focais de orientação profissional com profissionais nas escolas do ensino médio, públicas e privadas, oferecidos como serviço curricular ou extracurricular podem vir a apoiar e auxiliar os jovens a fazerem escolhas profissionais mais coerentes, maduras, assertivas, baseadas na pesquisa, na reflexão, na crítica e na informação

profissional, o que contribuirá com a melhoria da qualidade educacional dos mesmos. Segundo Noce (2008), a escolha profissional faz parte de um processo com maior ou menor complexidade, o que depende das vivências e experiências dos jovens, do contexto social, do conhecimento e informações adquiridas, do grau de enfrentamento, bem como, do desenvolvimento de atitudes como responsabilidade, independência, autoconhecimento, entre outros. Desta forma, um serviço de Orientação Profissional nas escolas públicas de ensino médio pode auxiliar os jovens neste processo, clarificando suas escolhas.

1. Juventude, transformações no mundo do trabalho e orientação profissional

O termo “juventude” é um fenômeno amplo que pode ser estudado sob vários aspectos, conforme balanço do conhecimento, devemos falar em juventudes e não juventude, pois são muitos segmentos juvenis, estes têm traços comuns, mas também se diferenciam dependendo dos contextos, da classe social, etnia, gênero, lazer, trabalho, etc. A literatura sobre juventude é vasta. Existem muitos estudos e pesquisas recentes na área da psicologia, sociologia e educação que a definem como uma categoria histórica e social ou como condição juvenil, etapa transitória da vida, etc. Para Sposito (2005), a juventude é uma fase da vida que tem início pela busca da autonomia, os jovens nesta época buscam a construção da identidade pessoal e coletiva, bem como vivenciam atitudes de experimentação. No “Estado do Conhecimento sobre Juventude e Educação”, organizado por Spósito (2000), as considerações pontuadas nos levam a considerar para efeitos de pesquisa a faixa etária compreendida entre 15 a 24 anos, embora haja uma gama de divergências sobre o assunto e alguns autores afirmem existir um alargamento desta faixa etária até os 29 anos, já para outros estaria delimitada entre 16 e 34 anos. Contudo, é necessário delimitar uma faixa etária para fins de estudo. Na literatura existente sobre a definição da categoria juventude como sujeito histórico e social reconhece-se como um problema sociológico passível de investigação, pois juventude é uma condição social e ao mesmo tempo um tipo de representação. (PERALVA, 1997, apud, SPOSITO, 2000).

No que se refere à escolha e orientação profissional a maioria dos trabalhos consultados trata a questão com enfoque na psicologia, mesmo porque a orientação profissional teve sua origem arraigada à psicologia aplicada que se preocupava com a mensuração dos mais ou menos capazes para assumir determinados postos de trabalho, com a preocupação de evitar acidentes. Em seus primórdios a orientação profissional preocupava-se com a manutenção do sistema, já na atualidade almeja ser um agente de transformação social, na medida em que pretende auxiliar a juventude num momento difícil que é o da escolha profissional. Desta forma, abre possibilidades para a reflexão, para a pesquisa, contribuindo assim com escolhas mais assertivas para os jovens, pois ao fazerem suas escolhas de forma pensada estarão assumindo-as de forma madura, com mais responsabilidades e formas particulares de cada jovem participarem do mundo do trabalho.

As mudanças ocorridas no mundo do trabalho, a globalização que para alguns resulta na mundialização, os avanços da tecnologia, reestruturação produtiva, entre outras, trazem novos desafios para todos os povos. Neste contexto, a educação, mais significativamente a escola não pode permanecer estagnada, precisa acompanhar as mudanças e dar sua contribuição. Assim, frente a tantas mudanças ocorridas no mundo, especialmente na área educação e trabalho, os jovens têm em suas mãos uma difícil tarefa: a da escolha de uma profissão, para tanto, se faz necessário um serviço que contemple a orientação profissional.

De acordo com Sparta (2003) e também Silva et al (2008), a orientação profissional é originária da Europa no século XX, em Munique. Em seus primórdios objetivava o aumento da produção industrial, pois sua finalidade em 1902 compreendia captar os trabalhadores inaptos, para assim dispensá-los do trabalho com o objetivo de evitar acidentes. Nas décadas de 20 e 30 esteve ligada à Psicologia Diferencial e Psicometria, época em que surgiram os testes de aptidões, habilidades e interesses.

De acordo com Silva et al (2008), o início oficial da orientação profissional está situado entre os anos de 1907 e 1909, com a criação do primeiro Centro de Orientação Profissional norte-americano, o *Vocational Bureau of Boston* e a publicação do livro *Choosing a Vocation*, ambos sob responsabilidade de Frank Parsons, que acrescentou à Orientação Profissional idéias da Psicologia e da Pedagogia, preocupado com a escolha profissional dos jovens de seu país. Parsons definiu três caminhos a serem seguidos durante o processo de Orientação Profissional: a análise das características do indivíduo, a análise das características das ocupações e o cruzamento destas informações, que constituíam a base da OP daquela época. Para Sparta (2003), apenas na década de 40 é que ocorreram mudanças significativas nos modelos de orientação profissional, com as idéias de Carl Rogers, o qual valorizava a participação do cliente no processo Psicológico, bem como no processo de intervenção que passa a ser não diretivo.

Na década de 50 começaram a surgir diversas teorias de orientação profissional, enfatizando-a como um processo evolutivo que se inicia na infância, culminando na juventude com a escolha profissional. Donald Super publicou a Teoria do Desenvolvimento Vocacional. Nesta teoria de enfoque desenvolvimentista, ele definiu a escolha profissional como um processo que ocorre ao longo da vida, iniciando-se na infância até a velhice, por meio de diferentes estágios do desenvolvimento vocacional e da realização de diversas tarefas evolutivas (SPARTA, 2003). No Brasil, a orientação profissional surgiu inicialmente com a intenção de suprir as exigências do mercado industrial, com a missão de agente de manutenção social. Posteriormente, foi sendo ressignificada para atender as necessidades da nova sociedade pós-industrial que vive em constante mutação.

Atualmente a OP vem ganhando destaque por meio de novos enfoques, embora ainda predomine o clínico, a OP pretende se materializar como agente de transformação social e são crescentes os artigos e pesquisas publicadas envolvendo o tema, na psicologia, na sociologia, na educação e outras áreas. Segundo a literatura pesquisada, a OP garantiu sua importância na sociedade a partir de sua inserção política, econômica e social. Entre os temas pesquisados em OP na atualidade encontram-se os processos identitários e a escolha profissional, mudanças do mundo do trabalho, ressignificação do trabalho na perspectiva da OP, uso dos testes vocacionais, experiências com grupos de OP, informação profissional, aconselhamento, tendências de mercado, uso da Internet na OP, entre outros. Nesta perspectiva, muitos autores têm se empenhado sobre a temática, como Lassance & Sparta (2003), Noce (2008), Lassance et al (2007), Coutinho, Krawulski e Soares (2007), Soares e Sestren (2007), Lima Dias & Soares (2007), Teixeira et al (2007), e outros. Cabe salientar que a maioria dos trabalhos consultados, seja voltado à a educação, sociologia ou psicologia enfatizam a OP como um processo que não ocorre isoladamente e tão pouco instantaneamente, por isso muitos fatores e influências se intercalam no processo.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa quantitativa e qualitativa com o uso de questionário com perguntas abertas e fechadas. A natureza da pesquisa quali-quanti demonstra que a mesma visa compreender de maneira abrangente relações complexas e não apenas dados isolados, embora, muitas vezes, os utilize para análise qualitativa dos dados. A escolha da metodologia da pesquisa ocorreu por se considerar a mais indicada, após a revisão de literatura sobre o objeto de estudo desta pesquisa.

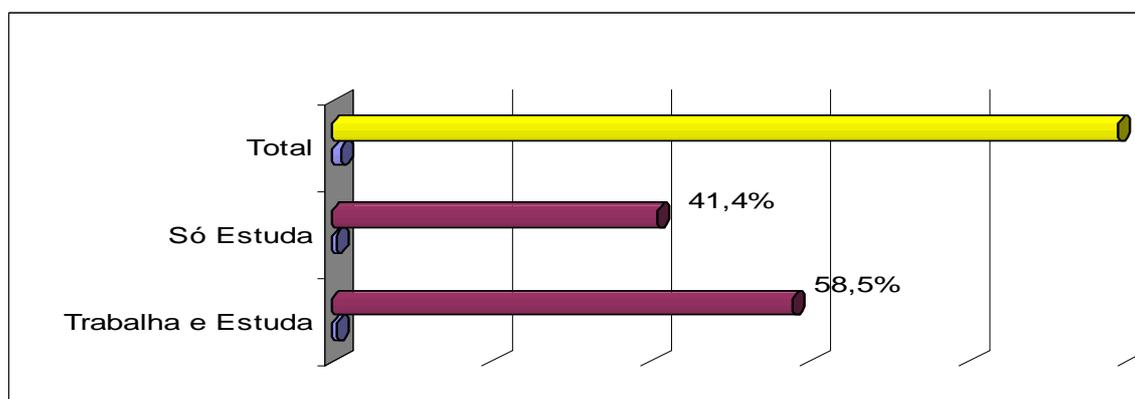
Neste sentido, este tipo de pesquisa prioriza a abordagem quantitativa e qualitativa, que conforme Koche (1997, p. 29) não há dissociação, na “medida em que de um lado a quantidade é uma interpretação, uma tradução, um significado que é atribuído à grandeza com que um fenômeno se manifesta, e de outro ela precisa ser interpretada qualitativamente, pois sem relação a algum referencial não tem significação em si”. No tratamento dos dados foi utilizada a análise estatística e análise de conteúdo que segundo Stumpf (2006, p. 51) “[...] num sentido amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção de bibliografia pertinente sobre o assunto”. A análise de conteúdo auxiliou a captar o conteúdo das mensagens e das vozes dos estudantes, bem como suas expectativas.

Foram pesquisados 99 jovens que se colocaram disponíveis para participar da primeira etapa desta investigação. São jovens do sexo feminino e masculino, entre 15 e 22 anos, que frequentam o Ensino Médio da Escola Pública Laureano Pacheco, da cidade de B. Camboriú - SC.

3. Resultados da pesquisa

No gráfico 1, pode se observar que parte destes jovens trabalha e estuda, o que corresponde a 59% e os que apenas estudam corresponde a 41%. Estes dados demonstram que a maioria dos jovens entra no mercado de trabalho antes de terminar o ensino médio. É um dado relevante, pois indica que a luta pela sobrevivência não deixa para a juventude a opção de somente estudar e os obriga a se lançarem no mercado de trabalho de forma precoce. Como justificativas de respostas para a questão apareceu com mais frequência, entre os que se dedicam apenas aos estudos preferem estudar para ter um futuro melhor; entre os que estudam e trabalham, significa trabalhar para ter independência, trabalhar para ajudar em casa e despesas pessoais, gostar de trabalhar e estudar, trabalhar para ter experiência, trabalhar para independência e estudar por necessidade e outros aspectos menos significativos.

Gráfico 1 – Situação de Trabalho e Estudo (Legenda externa)

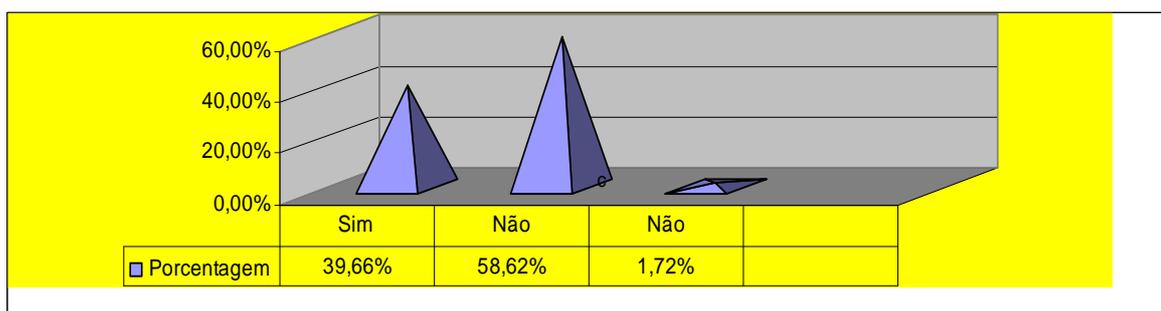


Fonte: Gráfico elaborado pelas pesquisadoras.

A maioria dos jovens que trabalha e estuda está em empregos informais, o que corresponde a 43% dos jovens, enquanto 40% trabalham em empregos formais. Convém salientar, que a situação do emprego informal pode se alterar se, a lei que criou os empreendedores individuais e entrou em vigor no final do mês de junho de 2009, se mostrar eficaz. Trata-se da Lei Complementar número 128, a qual promete tirar da informalidade muitos trabalhadores autônomos ou donos de pequenos negócios que empregam apenas um funcionário. A proposta é formalizar um milhão de empregos, desta forma, o empreendedor individual que ganha até R\$ 36.000,00 anualmente pagará um carnê de R\$ 50,00 mensais. Assim, feirantes, costureiras, artesãos, manicures, vendedores de pipoca, ambulantes, entre outros, poderiam ter benefícios como aposentadoria, auxílio maternidade e contabilidade facilitada, pois teriam um CNPJ e inscrição na junta comercial, contando também com os serviços da previdência social. De acordo com dados da Fundação Getúlio Vargas (2009), estima-se que mais de dez milhões de pessoas trabalham na informalidade, desta forma a Lei Complementar 128 visa diminuir a burocracia e promover a formalização do emprego destas pessoas, bem como promover a criação de novos pequenos negócios, o que constitui um desafio. A iniciativa conta com o auxílio do Sebrae, que promete fazer campanha para que a eficiência desta lei torne-se realidade e seja aprovada pelos que vivem as margens do emprego formal.

A seguir, no gráfico 2, salienta-se que entre os jovens que trabalham a maioria que representa 58,6% não deseja permanecer no mesmo tipo de emprego em que trabalha atualmente e 39,6% gostariam de permanecer no mesmo tipo de emprego. O total dos jovens que não responderam são apenas 1,7%. Os dados revelam que há uma parcela significativa de jovens indecisos quanto ao futuro profissional. As justificativas que aparecem com mais frequência no desejo de permanecerem ou não no atual emprego estão relacionadas com o desejo de uma melhoria na qualidade de vida. Desta forma, as respostas com maior frequência apontam que os jovens estão trabalhando em um emprego provisório, pois afirmam que não é a área que pretendem seguir, justificando que o desejo é fazer faculdade em outra área, diversa da que atuam profissionalmente.

Gráfico 02 – Permanência no Emprego (Legenda externa)



Fonte: Gráfico elaborado pelas pesquisadoras.

Outros jovens que não preferem permanecer no emprego afirmam que desejam progredir profissionalmente. Somando-se a frequência de todos os que não desejam permanecer no mesmo tipo de emprego, obtém-se uma parcela expressiva de jovens. Por outro lado à parcela de jovens que pretende permanecer no mesmo emprego ou

mesmo tipo de emprego corresponde à minoria dos jovens pesquisados. Alguns jovens justificaram que estão indecisos, entretanto, há outros que pretendem permanecer no emprego, mas também pensam num emprego melhor, o que demonstra que esta parcela também vivencia a busca de um futuro emprego e por consequência vivenciam inseguranças, o que é apontado na literatura consultada. Entre os que confirmaram o desejo de permanecer no mesmo tipo de emprego está os que consideram o emprego atual como um bom emprego. Entre os que desejam permanecer no emprego há os que desejam fazer faculdade na área. As respostas daqueles que pretendem ajudar a família revelam uma frequência significativa, todavia, o fato dos jovens afirmarem desejar permanecer no emprego, não aponta necessariamente a uma satisfação com o emprego atual. As justificativas estão relacionadas à independência financeira que é muito baixa, o que se revela um fato inusitado, pois a maioria dos jovens entra no mercado de trabalho por questões financeiras. Já os jovens que desejam permanecer no emprego para fazer faculdade em outra área é bastante expressivo, pois denota que a busca por um emprego futuro continua para esta parcela de sujeitos que deseja manter-se no emprego para poder cursar uma faculdade. A maioria dos jovens não deseja permanecer no emprego atual, o que revela a necessidade da orientação profissional.

A seguir se analisa os fatores que interferem na escolha profissional. Um fator preponderante na tabela 1, a seguir, é o número de questões assinaladas pelos jovens nas respostas, cuja questão previa múltiplas escolhas, demonstra que cada jovem contribuiu em média com quase 3 alternativas em cada resposta sobre os fatores que influenciam suas escolhas. Os dados evidenciam que a maior interferência com relação à escolha profissional é o salário, que representa 27%. Já outros fatores que influenciam na escolha profissional dos jovens é a tentativa de conciliar o mercado de trabalho e satisfação pessoal, o que representa 19%. Os ganhos e a satisfação pessoal aparecem com 18%, fator que se destaca entre as influências na escolha de uma profissão. Já as questões de tempo gasto com a formação e o tempo gasto com a realização do trabalho, aparecem com menos que 6% cada. Verifica-se que uma pequena parcela que corresponde a menos de 1% dos jovens aceita qualquer profissão, desde que haja vagas no mercado de trabalho, o que demonstra a necessidade de mais reflexão por parte dos mesmos sobre o mercado de trabalho, habilidades e aptidões pessoais. A questão das vagas x o número da população economicamente ativa é outro item que merece ser discutido com os jovens, pois a literatura e dados do IBGE apontam para a existência de menor quantidade de vagas e maior quantidade da população economicamente ativa.

Tabela 01 – (Legenda interna)

Fatores que interferem na escolha profissional	Percentual	Frequência
Salário	27%	69
Tempo gasto com a atividade	4, %	11
Tempo gasto com estudos	6%	15
Vagas para entrar na Universidade	5%	13
Aceita qualquer profissão c/ vagas	1%	2

Ganhos com Satisfação Pessoal	18%	46
Considera condições do mercado	13%	32
Conciliar Satisfação Pessoal e Mercado	19%	47
Outros requisitos	7%	17
Total	100,00%	252

Fonte: Tabela elaborada pelas pesquisadoras.

Na tabela 2, a seguir, se observa os fatores que influenciam na escolha profissional dos jovens, como os familiares, amigos, profissões e outros. Através dos dados abaixo, fica evidente que 44 % dos jovens afirmam não sofrer influências. A família desponta com 24% como influenciadora dos jovens na questão da escolha profissional, 14% dos jovens declaram sofrer outros tipos de influências na escolha profissional e 8% colocam que recebem influências profissionais de outros familiares que não o pai ou a mãe. Já 5% declaram sofrer influências dos amigos, enquanto que apenas 3% afirmam que a profissão dos pais os influencia na escolha profissional. Se somarmos as influências da família, das profissões dos pais e de outros da família, teremos 34% que corresponde ao número total das respostas que envolvem a família. Isto demonstra que na hora de escolher uma profissão a questão familiar é bastante expressiva. A questão respondida pelos jovens apresenta-se como múltipla escolha, o que demonstra que os jovens escolheram em média mais que 1 das alternativas para as influências na escolha profissional.

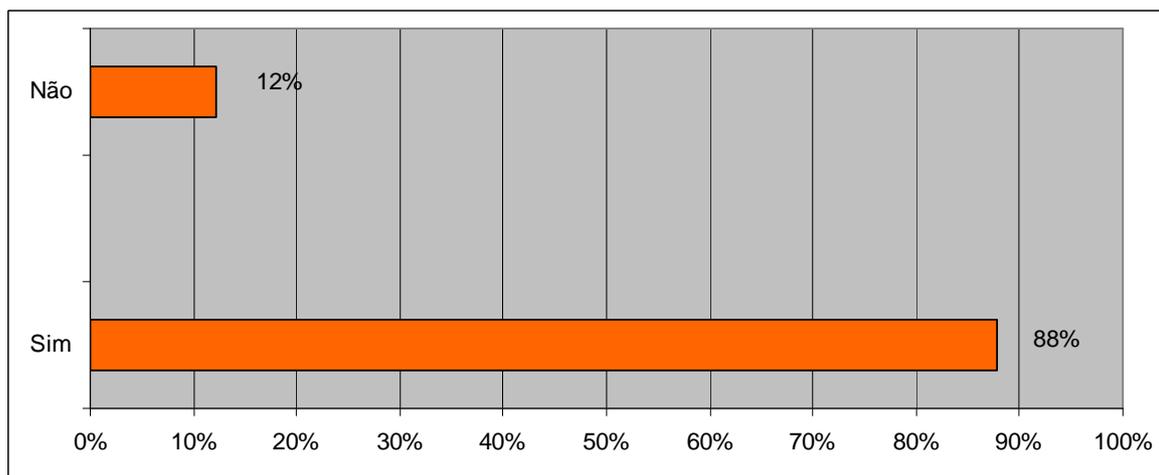
Tabela 02 – Legenda Interna

Influências na Escolha Profissional	Frequência	Porcentagem
Família	29	24%
Amigos	6	5%
Nada influencia	52	44%
Professores	4	3%
Profissão dos pais	3	2%
Profissão de outros da família	9	8%
Outras influências	16	14%
Total	119	100,00%

Fonte: Tabela elaborada pelas pesquisadoras.

O gráfico 3 abaixo demonstra o posicionamento dos jovens a respeito da idéia que os mesmos fazem sobre o auxílio que um Serviço de Orientação Profissional nas escolas daria para a escolha da profissão. Registra-se que o serviço de O. P. na escola pode auxiliar os jovens no momento de sua escolha profissional, pois 87,9% dos jovens acreditam nesta possibilidade e apenas 12,1% consideram que o serviço de O.P não contribuiria com a escolha.

Gráfico 3 – Auxílio da orientação profissional na escola (Legenda externa)



Fonte: Gráfico elaborado pelas pesquisadoras.

Desta forma, os dados comprovam que seria eficaz este tipo de serviço nas escolas, especialmente nas públicas. Nesta perspectiva, os jovens justificaram suas respostas caso fosse oferecido nas escolas como um serviço extracurricular, mencionando que esclareceria as dúvidas, teriam mais informação e ajuda profissional, traria maior conhecimento das profissões e aptidões e traria segurança na escolha. Entre essas alternativas, percebe-se que, muitas vezes eles têm interesse, entretanto, não se mobilizam para aproveitar a oportunidade, neste sentido, além de interesse é necessário comprometimento dos jovens.

4. Considerações finais

Os resultados da pesquisa revelam certa insegurança dos jovens em relação à escolha profissional, demonstram também que mesmo os jovens que já estão empregados sentem a necessidade de pensar em outras opções de emprego, seja por causa de melhor remuneração ou de melhores condições de trabalho, qualidade de vida, formação acadêmica etc. Neste sentido, a maioria dos jovens diz sentir necessidade de mais reflexão sobre o mercado de trabalho, futuras profissões, habilidades e aptidões pessoais. No caso de orientação profissional, os professores e a escola fazem sua parte, dentro daquilo que está ao seu alcance, todavia, jogar em seus ombros a responsabilidade por mais este desafio também não parece lógico. Neste sentido, reafirmamos a falta de políticas públicas educacionais que realmente possam almejar e concretizar uma educação com qualidade, que entre outras necessidades, apóie também o jovem no momento da escolha profissional. Neste sentido, se defende a idéia da orientação profissional ser oferecida como uma atividade extracurricular, desenvolvida

nas escolas públicas por equipe multidisciplinar e multiprofissional, para que os jovens ao se inserirem no mercado de trabalho possam fazê-lo com confiança e com a certeza que sua escolha foi fruto de reflexão crítica e da conciliação das exigências do mercado de trabalho com as aptidões pessoais, bem como se pretende que os jovens lutem por seus direitos e tenham consciência que eles são legítimos detentores destes direitos.

Referências:

COUTINHO, Maria Chalfin; KRAWULSKI, Edite e SOARES, Dulce Helena Penna. **Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis.** In: *Psicologia e Sociedade*, 2007, vol. 19, no. Especial.

DIAS, Sara de Lima & SOARES, D.H.P. **Jovem, Mostre a sua Cara: Um Estudo das Possibilidades e Limites da Escolha Profissional.** *Psicologia Ciência e Profissão*, 2007, v 27 (2), p. 316-331.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Indicadores Econômicos. Ministério do Planejamento, 2009. Obtido em: <http://www.ibge.gov.br/home/>

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia Científica: Teoria da Ciência e Prática da Pesquisa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 29.

LASSANCE, Maria Célia & SPARTA, Mônica. A orientação profissional e as transformações no mundo do trabalho. In: **Revista Brasileira de Orientação Profissional.** Dez. 2003, vol.4, no.1.

LASSANCE, Maria Célia Pacheco & MELO-SILVA, Lucy Leal, BARDAGI, Marúcia Patta *et al.* Competências do orientador profissional: uma proposta brasileira com vistas à formação e certificação. In: **Revista Brasileira de Orientação profissional.** Jun 2007, vol.8, n 1.

NOCE, M. A. **BBT – Br e a maturidade para a escolha profissional: evidências empíricas de validade.** Dissertação de Mestrado em Psicologia e Educação. Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia e Educação: Ribeirão Preto, 2008.

POCHMANN, Marcio. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAES, Regina Novaes e VANNUCHI, Paulo (org). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.** São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA, Leal Melo; LASSANCE, Maria Célia Pacheco; SOARES, Dulce Helena Penna. A Orientação profissional no contexto da Educação e do Trabalho. In: **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 2004, 5 (2), pp. 31 - 52 31

SILVA, Cláudia Sampaio Corrêa da, OURIQUE, Luciana Rubensan, OLIVEIRA, Manoela Ziebell de *et al.* Resignificação da experiência de Orientação Profissional. In: **Revista Brasileira de Orientação Profissional.** jun. 2008, vol.9, no.1.

SPARTA, Mônica. O desenvolvimento da orientação profissional no Brasil. **In: Revista Brasileira de Orientação Profissional**. dez. 2003, vol.4, no.1-2

SOARES, Dulce Helena Penna & SESTREN, G. Projeto profissional: o redimensionamento da carreira em tempos de privatização. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. **In: Psicologia & Sociedade**; 19, Edição Especial 1: 66-74, 2007

SOARES, Dulce Helena Penna & KRAWULSKI, Edite; DIAS, Maria sara de Lima & D'AVILA, Geruza. Orientação Profissional em Contexto Coletivo: Uma experiência em Pré-Vestibular Popular. Universidade Federal de Santa Catarina. **In: Psicologia & Sociedade**; 19, Edição Especial 1: 29-37, 2007.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre a juventude e a escola no Brasil. In ABRAMO, Helena (org); BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org). **Retratos da juventude brasileira: Análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

_____ *et al.* **Estado de Conhecimento. Juventude e Escolarização**. INEP, 2000.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2º ed. São Paulo: Atlas, 2006.

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira, LASSANCE, Maria Célia Pacheco, SILVA, Bárbara Maria Barbosa *et al.* Produção científica em orientação profissional: uma análise da Revista Brasileira de Orientação Profissional. **In: Revista Brasileira de Orientação Profissional**, dez. 2007, vol.8, no.2.